



XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito

29 de outubro à 02 de novembro de 2012

Instituto de Artes / Universidade Estadual Paulista

DANÇA AFRO: TEORIA, PRÁTICA E NOVAS PERSPECTIVAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Dra. Piedade Lino Videira
Docente da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG
E-mail: piedadevideira@bol.com.br
<http://lattes.cnpq.br/4269580489108934>

Dra. Cicera Nunes
Docente da Universidade Regional do Cariri – URCA
E-mail: ciceranunes@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8976938140345357>

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo refletir teoricamente sobre a Dança Afro, tendo como cenário as africanidades brasileiras que devem ser transformadas em experiências interculturais envolvendo professores, estudantes e pesquisadores do Brasil sobre essa área de conhecimento ainda pouco valorizada nas escolas. Apresentar a dança afro, como área de conhecimento artístico relevante para o ensino e a formação educacional nas escolas de nosso País. Explicitar os sentidos, significados, a relação entre criar, executar e observar como meta para apreciação da dança afro. Discutir o uso do vídeo como uma estratégia para o ensino de Dança Afro nas escolas. E por fim, reconhecer os espaços escolares como meios de aprendizagem e possibilidades de trocas culturais e ressignificação da corporeidade singular e múltipla dos educandos e professores, a partir de abordagens da dança afro contemporânea ligada à educação.

Palavras- chave: Dança Afro. Africanidades. Educação

DANÇA AFRO: TEORIA, PRÁTICA E NOVAS PERSPECTIVAS NO COTIDIANO ESCOLAR

RÉSUMÉ: Cet article a comme objectif de réfléchir de manière théorique sur la Danse Afro, abordée à partir des africanités brésiliennes qui doivent être transformées en expériences interculturelles mobilisant professeurs, étudiants e chercheurs du Brésil autour de ce domaine de connaissance, encore peu valorisé dans les écoles. Nous présentons la danse afro comme un domaine de connaissance artistique pertinent pour l'enseignement et la formation éducationnelle dans les écoles de notre pays. Nous prenons les sens, les significations, la relation entre créer, exécuter et observer comme moyens d'appréciation de la danse afro. Nous discutons l'utilisation de la vidéo comme stratégie pour l'enseignement de la Danse Afro dans les écoles. Nous reconnaissons les espaces scolaires comme des moyens d'apprentissage e des possibilités d'échanges culturels e de re-signification de la corporéité singulière et multiple des élèves e des professeurs, à partir d'abordages de la danse afro contemporaine liée à l'éducation.

Mots-clés: Danse Afro. Enseignement. Corpoérite Afrodescendente.



1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem a pretensão de suscitar reflexões sobre a relevância das danças de base africana e afrodescendente na educação nacional tendo como cenário as africanidades brasileiras que devem ser transformadas em experiências interculturais envolvendo professores, estudantes e pesquisadores do Brasil sobre essa área de conhecimento ainda pouco valorizada nas escolas.

Para o autor Curt Sachs [S.n.t], “ a dança é a mãe das artes. Os padrões rítmicos dos movimentos, o sentido plástico do espaço, a representação de um mundo visto e imaginado são coisas que o homem cria, em seu próprio corpo. No que tange o corpo negro que:

Educou-se ouvindo dizer que o seu corpo era feio e grosseiro, que não podia dançar clássico por ter o quadril largo e os pés chatos, além de sua cor ser incompatível para representar príncipes e princesas. Para ele ficou destinado o samba, o maculelê, a capoeira, [o marabaixo, o batuque, o reisado- grifo nosso] ou seja, o folclore. Embora essas manifestações culturais tenham sido incorporadas como parte legítima da cultura nacional os grupos folclóricos existentes em [todo Brasil-grifo nosso] expressam-se para o público como quem faz „coisa de preto“ (HASENBALG, 1979, p. 253).

Acreditamos que o fato de apresentarmos a dança afro, como área de conhecimento contendo elementos histórico, antropológico, sociológico, artístico e estético e educacional, relevante para o ensino e a formação integral dos educandos nas escolas de nosso País, ajudará a comunidade escolar e em geral a compreender e explicitar os sentidos, significados e a relação entre apreciação, contextualização e produção (BARBOSA, 1975) como meta para a valorização e reconhecimento da dança afro, por meio, dos corpos que dançam dentro e fora das escolas, independente da quantidade de melanina que tenham na pele. Ou seja, compreendendo que as danças de base africana „ são coisas de todos nós brasileiros/as“ e por isso, elas são portadoras de um *continuum* cultural amplo e irrestrito de nossa ancestralidade africana, o qual vem sendo reconhecido na sociedade brasileira como patrimônio imaterial nacional, como já aconteceu com o samba, o frevo, o tambor de creola, dentre outros. Defendemos que a dança afro



pode contribuir para a elevação da auto - estima da pessoa negra que tem reflexos diretos no desempenho educacional, relação interpessoal e vida social destas.

Destarte, que este texto contribua para que os espaços escolares sejam reconhecidos como meios de aprendizagem e possibilidades de trocas culturais e ressignificação da corporeidade singular e múltipla dos educandos e professores, a partir de abordagens teórico/metodológicas ligando a dança afro à educação.

2 ALGUMAS DISCUSSÕES TEÓRICAS SOBRE DANÇA AFRO

O trabalho com a cultura de base africana na escola coloca a necessidade de buscarmos alternativas pedagógicas que contribuam para a construção de novos projetos educativos que valorizem as experiências dos estudantes compreendendo que a sociedade não é formada por um todo homogêneo, mas que estes sujeitos são portadores de experiências existenciais variadas. A escola precisa desenvolver estratégias para a construção de uma identidade negra positiva, numa sociedade que discrimina este grupo, que ensina às crianças desde cedo a negar-se. Para isso, é fundamental que os professores compreendam as particularidades e necessidades dos seus educandos e desenvolvam ações que possibilitem que as crianças e jovens tenham plena consciência e orgulho de sua pertença étnica.

Nessa perspectiva, apresentamos neste artigo uma proposta pedagógica na área de dança afro, que nos ajude a compreender o lugar da cultura na (re) construção da identidade étnica dos afrodescendentes tomando o corpo como elemento importante no conhecimento de si e do outro. Para Oliveira (2007, p. 141):

O corpo, na qualidade de objeto, está sujeito a atuar de acordo com os padrões impostos como verdadeiros pelo modelo cultural dominante, o que pode desencadear um processo de representação de si mesmo desfocado, pois tais padrões impossibilitam que a identidade se forje tendo como base aspectos culturais e históricos, além de desconsiderar a própria história de vida do sujeito, aspectos estes constitutivos da identidade.

Diante desse quadro, a autora propõe uma dialética da resistência onde seja possível a construção de um contracorpo afrodescendente que parta da história



de vida desses sujeitos, produzida na vida em conjunto, mas que não desconsidera as experiências contraditórias vividas pelos corpos negros. Nessa abordagem, faz-se necessário romper com os padrões impostos pelo modelo cultural dominante contribuindo para o reconhecimento e valorização das nossas raízes e do pertencimento racial dos estudantes negros.

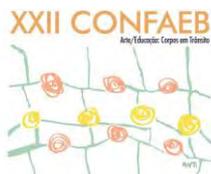
A dança afro, nesse contexto, se apresenta como componente essencial no redimensionamento da educação escolar. Por meio da dança podemos ampliar a nossa compreensão sobre os valores culturais, as concepções de mundo, as expressões da cultura e da história africana e afrodescendente (VIDEIRA, 2009). Abre-se a possibilidade de redescobrirmos as nossas origens negras e resgatar a autoestima das crianças e jovens que frequentam as escolas brasileiras.

Rodney (1975, p. 51) ressalta a importância da dança e da música nas sociedades tradicionais africanas da região Sul do Saara e como estas desempenharam papéis fundamentais para a vida em comunidade: “Marcam a sua presença nos nascimentos, no nojo, na iniciação, no casamento e também nos momentos de puro divertimento. África é continente dos tambores e da percussão”. A dança sempre esteve presente entre os povos africanos que vieram para o Brasil exercendo uma função social e religiosa. Para Milan e Soerensen (2011, p. 12):

Dançar é unir-se com o divino. Todas as pessoas podem dançar, independentemente do seu credo, da sua cor, da sua raça, do seu sexo, da sua idade. Uma das maiores possibilidades de nos conhecer e ao nosso corpo/mente é através da dança, e esta implica o movimento, o gesto inerente ao ser humano.

Quando falamos de dança afro, é importante esclarecermos que nos referimos a toda e qualquer prática de dança que esteja relacionada ao fenômeno da diáspora africana ao longo dos últimos cinco séculos, tal como colocado por Lima (2005, S/p):

A dança afro iniciada no Brasil com o grupo Brasileira e com Mercedes Baptista ,buscou na tradição da dança folclórica , que se realiza sem exigências técnicas e espontaneamente , sua fonte de inspiração . Diferentemente da dança clássica , a dança afro no Brasil lançou mão não de sua universalidade mas de sua particularidade. Procurou essencializar as suas origens culturais africanas e mais do que isso , a raça negra. A constituição do "mundo artístico" da dança afro vem se dando com um grau



XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito

29 de outubro à 02 de novembro de 2012

Instituto de Artes / Universidade Estadual Paulista

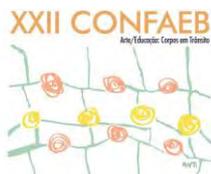
de complexidade crescente , pois os grupos recentes reivindicam outras alianças e identidades. No entanto, o que caracteriza a dança afro no Brasil é o seu pertencimento à tradição chamada de "cultura afro - brasileira".

Essas danças são realizadas prioritariamente em comunidades negras rurais e urbanas, estão presentes nas comunidades religiosas e de terreiro, fazem parte da herança africana ancestral que foi recriada e ressignificada no contexto brasileiro. São também danças que se mesclaram numa gama de variedades de movimentos dançados no Brasil, como o lundu que descende dos batuques africanos, o samba, o sapateado, a dança do jongo, o pagode, o rap, o hip-hop, as congadas, o maracatu, os moçambiques, reisados, cocos de roda, marabaixo, sairé e muitas outras.

A dança negra é patrimônio da humanidade e como tal deve ser conhecida e vivenciada na escola para que as futuras gerações valorizem o conhecimento produzido por africanos e seus descendentes no Brasil. Através da dança o povo negro transforma a experiência da exclusão social, da opressão, do preconceito e da discriminação racial, em substrato cultural-existencial vivido, voltado para a afirmação positiva e celebração da vida (MACEDO, 2009). Por meio da dança o povo negro expressa a sua etnicidade, sua história de vida e sua relação com uma memória ancestral. Segundo Keita Fodeba (1958,p.s/p):

A dança sempre fez parte da vida dos povos negros africanos, assim como a indumentária, a música e o canto. Para os africanos a transmissão do saber se dá também através da dança. Os nossos ancestrais negros dançavam para expressar todos os acontecimentos naturais da organização da sua comunidade, dançavam para agradecer as colheitas, a fecundidade, o nascimento, a saúde, a vida e até a morte. Aprende-se a dançar e a cantar tudo como se aprende a falar.

Acreditamos que parte da nossa história como brasileiros/as também pode ser conhecida através dessa linguagem artística, assim como nas músicas que são cantadas, nos figurinos que são utilizados e nas encenações que são realizadas no decorrer da realização de festas tradicionais em territórios de predominância negra, nas escolas e demais espaços de aprendizado artístico/culturais. Também é possível através dessa expressão cultural conhecer danças de outras regiões do



Brasil levando os nossos educandos a perceberem a diversidade cultural do nosso país.

Consideramos a dança uma forma de expressividade, de comunicação com o mundo, que revela a história de vida, através de uma linguagem extremamente criativa. A escola deve possibilitar que a criança vivencie a experiência da dança e através dela conheça a história de seus ancestrais, a sua própria e da comunidade em que está inserida.

Na opinião de Videira (2009) a escola deve utilizar a dança como atividade de peso formativo, pois esta linguagem possibilita que os educandos adquiram um melhor desempenho de suas funções psíquica, social emocional, intelectual, cultural e religiosa, além de uma comunicação direta entre os indivíduos que dançam e os que apreciam.

2 O CORPO COMO VITRINE DO SER HUMANO

O corpo se comunica por meio da dança. Fala em forma de gestos que tocam imediatamente a sensibilidade dos espectadores. Na dança afro, o corpo tem aspectos singulares, porque por meio dele nos re-ligamos a nossa ancestralidade. O corpo humano é moldado, modificado e pode ser ressignificado pela sociedade. É um construto social e cultural. Para Le Breton (1953, p.10):

O corpo, lugar do contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes. Problemática coerente e até inevitável numa sociedade de tipo individualista que entra numa zona turbulenta, de confusão e de obscurecimento das referências incontestáveis e conhece, em consequência, um retorno maior à individualidade.

Para o ser negro e negra, seu corpo significa ainda:

[...] a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros. Na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator- pessoa (grifo nosso)[...] (ibid, p.11).

No Brasil, a população negra sofre o racismo de marca, expresso e ostentado pelo corpo que se mostra negro em seus traços fisionômicos, estética,



cabelos afros e se afirma como tal pelo jeito que movimenta-se nas danças tradicionais, religiosas, gestualidade e ou numa configuração contemporânea recriada e dialogando com outras matrizes culturais e étnicas. Mas, sobretudo não podemos esquecer, como nos afirmou Beatriz do Nascimento (2006, p. 68),

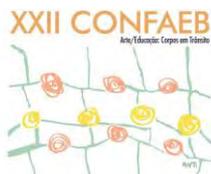
O corpo é também pontuado de significados. É o corpo que ocupa os espaços e dele se apropria. Um lugar ou uma manifestação de maioria negra é “um lugar de negros” ou “uma festa de negros”. Não constituem apenas encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espelho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias.

Acreditamos que se a dança afro for ensinada nas escolas, para além de entretenimento e passa - tempo ao educandos, ou seja, valorizada como área de conhecimento relevante que possibilitará aos educandos como um todo o autoconhecimento de si e de suas raízes étnicas vivas e pulsantes em todas as regiões de nosso rincão brasileiro, formaremos seres humanos de maneira integral com novos valores sociais, ideológicos e atitudinais, nos quais o “valor de uma pessoa” não se explicitará pela coloração da pele que ela ostenta.

3 A RELEVÂNCIA DO VÍDEO PARA O ENSINO DA DANÇA AFRO

O Brasil é um país gigante em termos geográficos e por isso, nós brasileiros/as carregamos a mesma nacionalidade muito embora, não nos conheçamos na inteireza do que somos e representamos nos aspectos sociais, culturais, geográficos e singulares que nos diferenciam regionalmente com base na herança étnica que carregamos.

A Lei n. 10.639/03 que alterou a Lei vigente de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e incluiu o Ensino de História e Cultura Africana e Afrodescendente ao cotidiano escolar de nosso País, é relevante pelo que representa em termos de tentar promover a valorização e o reconhecimento das diversas contribuições e influências de nossos ancestrais africanos e afrodescendentes ao desenvolvimento do Brasil em todos os níveis educacionais e tecnológicos. Além de ajudar a sociedade brasileira a reconhecer suas



africanidades. Africanidades estas que estão vivas em todos as regiões e estados brasileiros.

Por isso, consideramos que o uso metodológico do vídeo como recurso educacional é eficaz e oportuno já que não temos acesso igualitário às diversas expressões culturais do Brasil nos órgãos que fomentam a cultura nacional. Mas, podemos buscar esse acervo via internet nas secretarias de cultura e turismo dos estados, a qual é utilizada para divulgar as belezas e singularidades locais e dentre elas estão as danças em geral e as danças afros em particular.

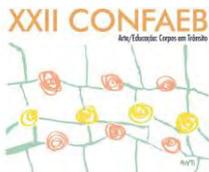
O olho é tocado pela força daquilo que vê. O visual tem um alcance forte e marca as pessoas porque se conecta com os demais sentidos humanos. É mais fácil esquecermos algo que ouvimos ao que vimos e experienciamos. O corpo humano é sensível, sonoro, dialético, histórico e sinestésico, logo aprendemos de corpo inteiro e a aprendizagem dá-se pelo conhecimento da experiência feita.

No processo de amearhar diversos vídeos contendo danças afros espalhadas pelo Brasil, podemos utilizar a prática corriqueira que muitos estudantes tem acesso, a internet. A professora e ou o professor, pode propor a sua turma que realizem uma pesquisa, pelas regiões brasileiras, na busca de conhecerem danças típicas a fim de serem vistas, analisadas e contextualizadas em sala de aula com o intuito de que sejam identificados pelo coletivo, traços de nossas ancestralidades negras, indígenas dentre outras.

Em seguida a coleta dos vídeos, passa-se a outra fase que é um estudo histórico, antropológico das religiões brasileiras para que os estudantes entendam que a cultura é resultante da história, do território e contexto social de cada lugar. Em síntese, é uma teia de significados que o ser humano constrói e reconstrói de geração a geração.

Na sequência, vem à análise da gestualidade das pessoas que dançam. Para Le Breton (1953, p.44) a gestualidade:

[...] refere-se às ações do corpo quando os atores (pessoas-grifo nosso) se encontram: ritual de saudação ou de despedida (sinal de mão, aceno de cabeça, aperto de mão, abraços, beijos no rosto, na boca, mímicas, etc), maneiras de consentir ou de negar, movimentos da face e do corpo que acompanham a emissão da palavra, direcionamento do olhar, variação da



distância que separa os atores- pessoas (grifo nosso), maneiras de tocar ou de evitar o contato [...]

E, sobretudo, a gestualidade dá vida ao corpo como um texto corpóreo/poético composto de registros históricos e documentais de alguma linhagem africana e afrodescendente que precisamos conhecer, re-conhecer e valorizar.

Nesse intuito, vem outra etapa do trabalho com o uso do vídeo, o qual pode contribuir como experiência prática no aprendizado de algumas danças coletadas na pesquisa. E por fim, a possibilidade de re-criação contemporânea de algumas dessas danças dando espaço a criatividade e outras formas de aprendizado que os estudantes lograram com a investigação, que lhes darão subsídios para re-criarem algumas danças, mas sem transformá-las em repetições miméticas de movimentos, ou seja, esvaziada de significados e representações genuínas.

A nossa experiência como educadoras evidenciou a relevância da participação dos/as professores/as nas atividades práticas realizadas na escola. Faz uma diferença incomparável a atitude do/a docente que orienta para que os discentes desenvolvam alguma atividade artística e tendo o corpo como linguagem e texto/poético/cultural e o fato de se envolverem junto com os educandos na realização de estudos e atividades práticas de dança.

Educamos pelo exemplo, como postulou Paulo Freire, e dentro da escola os/as educadores/as devem se permitir envolver na dinâmica sensível de cruzarem e deixarem cruzar pelos/as educandos/as e compartilharem juntos das práticas corpóreas. Temos o desafio histórico de arrebentarmos as correntes que ainda aprisionam nossos corpos. Para o trabalho com as artes e sobretudo com a dança na escola, o primeiro passo é entrarmos em harmonia com a nossa anatomia corporal, ou seja, autoaceitação e respeito pelo corpo que ostentamos. Porque esses encaminhamentos são importantes? Sobretudo porque na dança, qualquer uma das tipificações dessa modalidade de arte, envolve o trabalho de planos – alto, médio e baixo, concepção coreográfica do espaço, lateralidade, giros, uso do corpo: braços, pés, tronco, pernas, cabeça. O corpo humano tem memória. Face ao exposto, o momento de junção harmônica do corpo dá-se liberdade aos sujeitos na



expressividade estética de seus movimentos ressaltando a base cultural que os inscrevem. Referimo-nos a especificidade das danças tradicionais e as danças afros.

Dessa maneira, acreditamos que educadores e educandos terão a chance de estudar a dança na sua essência mais pura, que é o movimento.

4 ALGUMAS REFLEXÕES

Pelo Brasil ser a nação mundial com maior quantitativo e presença étnico/cultural de população negra fora de África, não temos como negar no Brasil, a nossa pertença e herança de todo esse legado imaterial e material irrestrito afrodescendente, que a educadora Petronilha Beatriz nomeou de Africanidades.

A Lei n. 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluiu o ensino de história e cultura africana e afrodescendente na educação ofertada pelas instituições públicas e privadas de todo País. A lei supracitada contribuirá para que a sociedade brasileira aprenda que, as africanidades pulsam em todas as regiões do Brasil e se revelam nas danças tradicionais e afros que mostram uma rica variedade de ritmos, gestualidade, musicalidade, dramaticidade e composição estética e histórica dessas danças, as quais, nos singularizam diante dos olhos do mundo. Por isso, precisam ser reconhecidas na escola, como área de estudo, juntamente com os diversos corpos que as materializam, como portadores de memória (NASCIMENTO, 2007), e resultado de nossas heranças africanas e afrodescendentes.

O escritor nigeriano Wole Soyinka que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 1986, o primeiro concedido a um homem de letras africano, nos afirma que, “a África é um imenso continente, povoado por uma miríade de raças e culturas”. Em se tratando de Brasil, nos constituímos em todos os aspectos de vários correspondentes culturais com África e as danças afros clarificam essa ligação.

A escrita desse texto, com a temática da dança afro, visa a retirada dessa linguagem da arte, do lugar de entretenimento e passa tempo com o qual é introduzida na escola. Defendemos que por meio da dança, os educadores podem



abordar aspectos, históricos, sociais, geográficos, antropológicos, filosóficos, artísticos, estéticos e culturais pertinentes as nossas heranças étnicas.

A aplicabilidade da Lei n. 10.639/03 nas escolas também pode ser efetivada por meio das danças afros na escola, que precisam ser entendidas pela comunidade educacional, como um tipo de documento que permitirá a educadores e educandos o acesso a informações relevantes para o autoconhecimento e autovalorização de nossos ancestrais africanos e afrodescendentes e, por conseguinte, de nós mesmos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro – Brasileira**. Brasília – DF, 2004.

BARBOSA, A. M. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo, Cultrix, 1975.

CURT, Sachs. **O que é dança**. Apostila apresentada na Disciplina História da Dança, na EDUFBA.

FODEBA, Keita. **Afrikan dance and stage in the theatre dans le monde**. 1958. (Xerox).

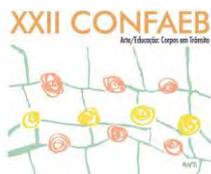
LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1953.

LIMA, NELSON. **Dando conta do recado: a dança afro no Rio de Janeiro e as suas influências**. Rio de Janeiro, 2005.

MACEDO, Marluce de Lima. **Tradição oral afro-brasileira e escola: diálogos possíveis para a implantação da Lei 10.639/03**. In.: AGUIAR, Márcia Ângela da Silva (org.). [ET al]. **Educação e diversidade: estudos e pesquisas**. Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos Ed., 2009.

MILAN, Joenir Antônio e SOERENSEN, Claudiana. **A dança negra/afro-brasileira como fator educacional**. In.: *Revista África e Africanidades*. Ano III. Nº. 12, fev. 2011.

NASCIMENTO, Beatriz de. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. Alex Ratts. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.



XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito

29 de outubro à 02 de novembro de 2012

Instituto de Artes / Universidade Estadual Paulista

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. **O papel da consciência sociorracial na luta contra o racismo**. In.: SOUSA, Cynthia Pereira de. e CATANI, Denice Barbara. Multiplicidades culturais: projetos de formação e trabalho escolar. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Edições Graal. Belo Horizonte, 1979.

RODNEY, Walter. **Como a Europa sub-desenvolveu a África**. Lisboa: Bogle/L'Ouverture Publications, 1975.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente**: ressignificando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

Dra. Piedade Lino Videira, Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Unidade Acadêmica de Educação – Campus de Cajazeiras na Paraíba. E-mail: piedadevideira@bol.com.br

Dra. Cícera Nunes, Professora Doutora da Universidade Regional do Cariri – URCA-CE, Curso de Pedagogia. E-mail: ciceranunes@hotmail.com